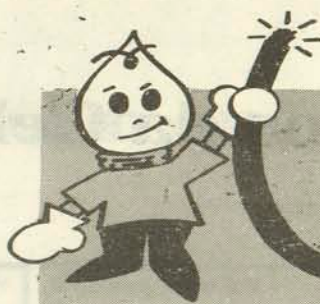




Limpar

SETOR ELÉTRICO
VIOLÊNCIA
As punições continuam

Nº153 10/10/91

Campanhas em todo país

Nas empresas paulistas de eletricidade CESP, CPFL e ELETROPAULO está sendo deflagrada uma campanha salarial extraordinária para repor as perdas e implantação de uma política de reajustes mensais de salário. Eles já conseguiram que a antecipação de 16% da política salarial reajuste o salário inteiro e não apenas até os três salários mínimos.

Enquanto isto na CEMIG, apesar da diretoria dizer que não tem o que negociar, foi acertado uma complementação do acordo assinado em agosto, que prevê 11% para todos em setembro. Os sindicatos porém querem uma proposta que contemple a aplicação da política salarial sem prejuízo do acordo que já estava firmado.

A COPEL já recebeu a pauta de reivindicações deste ano. Os trabalhadores querem reajuste de 232,28%, acumulando 50,78% de perdas não repostas na data-base de 1990 frente ao IPC e mais 120,38% referentes ao último período para repor o IGV-Dieese. A título de produtividade estão pedindo 10% e também querem uma política salarial com reajustes mensais pela média do IGV-Dieese do trimestre anterior, zerando-se este índice a cada três meses.

Eletrosul quer cortar direitos

Na primeira rodada de negociação das cláusulas específicas, a Eletrosul apresentou a pior contraproposta dos últimos anos para os trabalhadores. Há uma nítida intenção de reduzir drasticamente direitos adquiridos, cortando inclusive conquistas já contidas no Manual de Pessoal da empresa.

Na reunião que aconteceu segunda-feira, dia 7, com a presença do Diretor Administrativo Hilário Pazin, a Eletrosul negou a indexação a qualquer dos benefícios recebidos pelos empregados, deixando-os expostos à inflação. Desta maneira, por exemplo, auxílio alimentação e reembolso de despesas médicas iriam sendo reduzidos conforme a evolução da inflação, sem perspectiva de correção, causando os problemas que já foram sentidos neste ano.

O "não" taxativo foi dito também para outras muitas cláusulas importantes. Aposentadoria especial, Transporte para Área de difícil acesso, não desconto do imposto sindical, isonomia, dupla função, turno de revezamento, transferência do FGTS, adicional de áreas isoladas, reserva técnica, gratificação de férias, atendimento social e revisão da tabela de cargos e salários também receberam negativa da empresa.



Empresa mostrou que quer "jogar duro" na negociação

Um alvo bem definido que a direção da Eletrosul quer atingir é a organização sindical. Pela proposta apresentada nenhum dirigente será liberado para atividade nos sindicatos. Uma tentativa explícita de enfraquecer e desestabilizar o movimento. Esta agressão ao movimento sindical é inédita na história da Eletrosul, pois desde a sua criação sempre houve a liberação de sindicalistas.

Os sindicalistas presentes na negociação ficaram surpresos com a manifestação do DA que afirmou que as pessoas presentes na mesa (ele e mais 6 assessores técnicos) não tinham qualquer poder para alterar o conteúdo da proposta da empresa. "Isso descaracteriza a negociação, tudo vira uma troca de cartinhas, sem possibilidade de entendimento e avanço concreto no processo. Isso nunca aconteceu e é

um retrocesso", reclamou Mauro Passos, coordenador da Intersul.

As negociações das cláusulas nacionais (como índices econômicos e garantia no emprego) começam dia 10, no Rio de Janeiro em uma reunião entre o Fórum das empresas e o Comando Nacional dos Eletricistas. Na Eletrosul, acontece nova rodada de negociação no próximo dia 15.

A Intersul acredita que a conduta das empresas vai claramente no sentido de reduzir custos com pessoal para facilitar os processos de privatização. "Se os eletricitários não perceberem isso e não entrarem para rachar na campanha salarial, poderemos ter um futuro muito negro daqui para a frente", preocupa-se Mauro Passos.

Celesc sem solução para contratados

Continua sem solução o problema dos contratados da Celesc. Na reunião que a Intersindical teve com representantes da Celesc, no dia 3 de outubro, a empresa não modificou a sua proposta de acordo para admitir os contratados com vínculo reconhecido pela Justiça.

A proposta da Celesc é pagar 50% das verbas a que os empregados têm direito segundo as sentenças, efetivá-los como empregados novos e pagar anuênios num limite de 5 anos. Uma proposta considerada muito ruim pelos sindicatos e pelos contratados.

A Intersindical acredita que o maior problema é a falta de disposição da Celesc em melhorar a sua proposta para viabilizar uma negociação. Em função deste procedimento da empresa, as ações vão continuar tramitando na Justiça, até

que sejam determinados os pagamentos e as efetivações que fatalmente ocorrerão.

No entanto, os sindicatos garantem que vão continuar tentando negociar, levando a Celesc a avanços substanciais que permitam que os contratados assinem acordos com a Empresa.

Na mesma reunião a Celesc informou que com relação ao Plano de Carreira, a revisão do Plano 1 ainda aguarda a conclusão da etapa de pesquisa de mercado, que continua em andamento.

Assembléia dos empregados da Eletrosul - Fpolis

Terça-feira, as 17h 30 min no Ginásio da Elase

Campanha Salarial

Participe e defina os rumos de sua luta!

FIM DA GREVE

Servidores assinam acordo

Encerrou na terça-feira a mais longa greve feita por professores estaduais em Santa Catarina. O acordo assinado foi bastante positivo para a categoria e itens de pauta que estavam há 10 anos sendo negociados finalmente foram acordados.

Os eletricitários decidiram entrar no processo depois do impasse entre grevistas e governo do Estado com a ocupação do gabinete do secretário de Educação pelos professores no início da semana passada. Na quarta-feira, dia 2 de outubro, foi agendado um encontro como o governador Wilson Kleinubing e Delman Ferreira, diretor auto-licenciado da CUT e da direção do Sinergia, Isaltino Pedrom, diretor do Sindicato dos Eletricitários de Blumenau, João Paulo de Souza e Mauro Passos também do Sinergia.

A reunião que começou bastante tensa, às 19 horas, na casa do governador, foi se descontraindo e às 22 horas foram chamados o secretário Paulo Bauer e Rita de Cássia, presidente do Sinte (Sindicato dos Trabalhadores em Educação).

Segundo o que ficou combinado a negociação, que ali se iniciava, deveria esgotar todos os itens da pauta, seguindo a mesma sistemática adotada na negociação este ano na Celesc. Também ficou decidido quais seriam os integrantes da mesa de negociação, que foi coordenada por Delman Ferreira.

Na quinta-feira iniciaram as discussões que só se encerraram no meio da tarde de segun-

da-feira, depois de mais de 40 horas de negociação direta e apoiada com a contínua ocupação da secretaria de educação. Entre os itens acordados está uma nova planilha de cargos e salários que reajustará os vencimentos por faixas: para os salários mais altos 55% e para os menores até 79%.

O governo manteve o desconto que fez na folha de agosto de 23 dias parados. Os dias restantes só serão descontados em três vezes, na mesma medida em que as aulas forem repostas. Por causa dos 20 dias descontados o calendário escolar foi diminuído de 200 para 180 dias, com o consequente prejuízo na qualidade do ensino.

Delman Ferreira, ao final das negociações, explicou que a participação dos eletricitários já é consequência, na prática, da filosofia do Sindicato Cidadão: "aquele que se preocupa com todos aspectos da vida das pessoas. Ao participarmos da greve dos professores estamos lutando pela qualidade de ensino para toda sociedade, inclusive para os filhos dos eletricitários. Todos trabalhadores tem responsabilidade e devem participar de momentos como estes".

Esta também é opinião de Rita de Cássia, presidente do Sinte. Para ela "a participação dos eletricitários foi fundamental. Ajudou muito na dinâmica das negociações. Há tempo a gente vem colocando que a escola pública não é um problema só dos professores. Os eletricitários também são pais de alunos de escolas públicas, como também os representantes de outros setores organizados da sociedade. Se todos participassem é bem possível que as greves não durariam 60 dias. É incrível um governo deixar uma escola fechada por tanto tempo. Isto seria evitado se a sociedade assumisse para si esta luta. É preciso que participações como esta dos eletricitários se amplie".

ELOS

Eletrosul deve mais de 10 bi

Após análise dos último balanço da Elos e de documentos do atuário Jesé Montello que alertam sobre a dívida contraída pela Eletrosul com a fundação, estimada em mais de 10 bilhões de cruzeiros, o curador da Elos - eleito pelos empregados - Claudius Charles Girard encaminhou um documento à presidência da Elos solicitando várias informações. Esta solicitação foi feita em 5 de setembro e a resposta deverá ser feita por escrito. Até hoje porém o presidente da Fundação ainda não se manifestou.

As informações pedidas, de acordo com o Estatuto da Elos e com o apoio da própria Constituição Federal, são sobre:

- as contribuições da patrocinadora vencidas e não pagas à Elos;
- contribuições dos participantes descontadas dos salários dos empregados e não repassadas à Elos;
- prestações de amortizações de empréstimos descontados dos salários dos empregados e não repassados à Elos.

A dívida de mais de 10 bilhões está sendo formada ilegalmente e caracteriza apropriação indébita. Isto pode acabar na Justiça. O sindicato está atento para o desenrolar dos fatos.

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina que tem 7.500 exemplares. Diretor Responsável: Glaucio Marques. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marl Cristine Scornazzon. Ilustração: Frank Maia. Composição: Estação de Editoração Eletrônica do Sinergia. Impressão: Gráfica do Jornal O Estado. Redação: Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. Fone: (0482)22-3866. Fax: (0482)23-5596. Telex: 482555. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

PESQUIS.

Empregados da Celesc acreditam que acordo foi vitória

O acordo coletivo assinado na Celesc este ano foi tema de uma entrevista realizada pelo Linha Viva esta semana entre empregados da empresa no interior do Estado. Todos eles, sem exceção, aplaudiram tanto o acordo como a tranquilidade conseguida durante as negociações. A seguir alguns destes depoimentos:

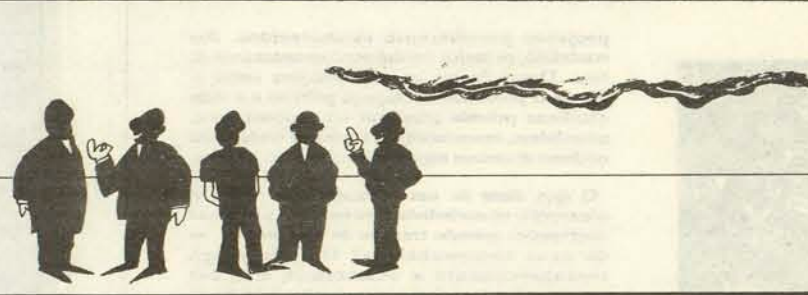
- O acordo foi muito bom e me agradou a forma de negociação, o fato de não precisar entrar em greve. Tive uma experiência na Teka, onde trabalhava desde os 14 anos e de onde fui demitido por justa causa, por participar de uma greve. Saí de mãos abanando e sem nenhum outro empresário querendo me empregar pois estava "marcado". Não desejo isto para ninguém. **Mauri da Silva, operador, 2 anos de empresa, Blumenau.**

- Ambas as partes negociaram maduramente. Foi um dos melhores acordos dos últimos 10 anos. Todos chegamos a um consenso. **José Renato Gomes de Campos, operador, 10 anos, Otacílio Costa.**

- Foi bom, principalmente por causa da garantia no emprego. Isto é melhor do que ganhar 500% de aumento. **Edemar José Teixeira, eletricitista, Mafra.**

- Acho o acordo bom. Fomos bem informados pelo jornal e o melhor foi não precisar da greve para se chegar a isto. **Isaias Vicente de Lima, eletricitista, Canoinhas.**

- Até certo ponto as coisas foram boas. Mas em outras coisas nós, do oeste, temos do que reclamar. Foi muita falta de informação, informações distorcidas, ficamos na dúvida várias vezes. Até a proposta demorou a chegar para nós e veio só através do jornal. Ficamos sabendo do que se estava negociando dois ou três dias depois. No fim achamos que o acordo já estava assinado e não era verdade. De positivo foi a tranquilidade e rapidez, o fato de termos chegado a um denominador comum que agradou os dois lados. **Lauro José Welter, eletricitista, 2 anos, São Miguel do Oeste.**



- Bom, com este reajuste dá para a gente se manter mais um tempo. Esta é a primeira negociação que assisto e achei boa. **José Carlos de Souza, eletricitista, 1 ano, Imaruf.**

- Foi bom. Na situação que estávamos vivendo foi ótimo. A empresa sentiu que estava todo mundo mobilizado, que a revolta era grande e que não ia ser fácil. **José Natalino Bornhausen, eletricitista, Blumenau.**

- Não entendi porque a empresa abriu os braços e aceitou tudo. Acho que a chefia atual é mais razoável. Os 200% não vai quebrar nosso galho, daqui há seis meses vamos ter que brigar de novo. Achei que tinha muita gente retratada, com medo da garantia no emprego. Mas não fosse a mobilização

não teriam dado os 200%. Só acho que nós os eletricitistas, somos a linha de frente da empresa, e não podemos ficar trabalhando por este salário aí. Não é compatível. A gente encara o perigo lá fora e para isto é muito importante se sentir amparado por um bom salário. **Dejair Mario Barbosa, eletricitista, 2 anos, Joinville.**

- Achei o melhor acordo assinado até hoje. Mas não participei das mobilizações. A gente sempre tem medo, tem muita pressão. Fiquei sabendo das coisas através do jornal. Não acho que se tenha conseguido alguma coisa por causa da mobilização. Isto aconteceu porque o presidente, que já foi funcionário, se conscientizou. **Jurandir Klaus, eletricitista, 3 anos, São Miguel do Oeste.**

- Foi melhor de todos que tive, aqueles que brigamos, brigamos e não ganhamos nada. Mas, na real, foi só uma reposição, que não foi total. Nem tivemos um aumento real! **João Leber, despachante, 26 anos, Blumenau.**

- A princípio foi bom. A única ressalva é que a folha não pode passar de 30% da receita líquida da empresa. Isto abre uma brecha, dá argumentos para a empresa demitir. Foi fácil demais. Acho que facilitaram justamente para nos surpreender e assim a gente não vai olhar para certas coisas que estão por trás das cláusulas. Na assembleia para aprovar o acordo tinha gente que nunca tinha visto antes. Todos lá contentes para assinar o acordo. Não sei, acho isto estranho. **Valdir Niheus, supervisor, 5 anos, Rio do Sul.**

- Foi bom. Achei um acordo fácil de se acertar em relação aos outros. O pessoal estava mobilizado. O sindicato fez um trabalho bom com aquelas reuniões para definir a pré-pauta. Assim todo mundo ficou esclarecido do que se queria e do que vinha pela frente. **Moacir Artur da Silva, supervisor, 20 anos, Blumenau.**

Sinergia promove debate sobre saúde

Cerca de 110 pessoas, entre empregados da Celesc e membros da comunidade de Angelina participaram de uma palestra sobre saúde bucal realizada no colégio Nossa Sra. Imaculada Conceição, em Angelina, promovida pelo Sinergia. Esta inquestionável vinculação com as comunidades é resultado concreto do esforço da entidade no sentido da integração com a sociedade em geral. O Sindicato contratou o dentista Valdir Pessoto, especialista em saúde bucal, para 8 conferências para empregados da Celesc, Eletrosul e para a comunidade em geral. As palestras serão divulgadas nas áreas específicas nas vésperas do evento. Aguarde e participe.

Angelina faz festa: 30 anos do Sinergia

Os eletricitários de Angelina, que também pertencem à base do Sinergia, comemoraram na última sexta-feira o aniversário do Sindicato, pois nem todo mundo pode vir à Florianópolis para a inauguração da sede. O pessoal fez um churrasco (cada um pagou sua parte) para não deixar passar em branco o aniversário da sua entidade.

Agência segue sem restaurante

A Celesc ainda não tomou nenhuma providência para sanar o problema do não funcionamento do restaurante da Agência Florianópolis, que tem causado inúmeros transtornos aos trabalhadores daquele local. O Sinergia enviou correspondência para a Celesc exigindo a imediata reabertura do restaurante.



Eletricitários fazem Congresso

Dias 6 e 7 de dezembro, acontecerá o I Congresso dos Eletricitários da Grande Florianópolis que vai discutir a conjuntura e movimento sindical, fazer um balanço político e organizativo, e traçar um plano de ação para a categoria nesta região. Se alguém tiver uma tese ou outra contribuição ao congresso poderá inscrever seu trabalho até 11 de novembro no Sinergia, com a comissão organizadora do evento. Estes trabalhos serão publicados até 22 de novembro.

Festa pela América

Dia 11 de outubro, no Largo da Catedral, em Florianópolis, acontece um ato público para marcar a passagem dos 499 anos do "descobrimento" da América. Além de várias ativi-

dades haverá exposição de fotografias, material indígena e projeções de vídeos. A promoção, que acontece das 9h às 18 horas - é do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e do Museu de Antropologia da UFSC. Os organizadores do evento não concordam com as iniciativas que visam celebrar em 92 os 500 anos de "descobrimento" ou o Encontro dos Dois Mundos. Entendem que esses 500 anos foram de dominação com o consequente colonialismo e imperialismo. Por isto acreditam que o fato a se comemorar são os 500 anos de resistência indígena e popular.

(des) Prestígio

O presidente da Eletrosul, Amílcar Gazaniga, parece que não está gostando de muito prestígio junto aos políticos em Brasília. Comenta-se que ele distribuiu 400 convites para um jantar no Clube do Congresso Nacional em Brasília, mas só apareceram 6 deputados catarinenses, 2 gaúchos e 1 paranaense. A festividade teria acontecido há semanas atrás.

TRIBUNA livre

Considerações necessárias

Maria Margarida Maciel Dantas-

Diretora do Sinergia

Na semana passada o Linha Viva publicou uma carta do Assessor de Relações Empresariais da Eletrosul Miguel Sedrez, onde ele procurou responder a uma matéria que dava conta de suas atitudes em uma assembleia do sindicato dos economistas.

Como fui ironicamente citada na carta, recebendo a caracterização de "repórter" por ter presenciado sua lamentável participação no evento e transmitido o ocorrido à equipe do jornal, acho que devo dizer algumas coisas que ainda não ficaram claras, especialmente para Sedrez.

Em primeiro lugar salientar que nenhuma das afirmativas feitas na matéria publicada no jornal foi desmentida pelo autor da carta. Ao contrário disso, algumas como a que se refere a hipotética ligação Intersul/CUT/PT foram reafirmadas. Inclusive esta acusação foi encaminhada para a CUT para que tome as providências cabíveis.

Depois, não podemos deixar em branco um traço preconceituoso e elitista que Sedrez apenas insinuou na assembleia dos economistas, mas deixou transparente na carta. A defesa intransigente das "categorias diferenciadas" tem base na premissa de que alguns eletricitários seriam "mais iguais" que outros, não podendo haver critérios iguais para a representação de profissionais de níveis de instrução diferentes e mesmo de localização geográfica distinta. Para ele, um pesquisador ou um engenheiro, ou uma secretária, ou um assessor ou um operador devem ser tratados de forma diferenciada, como se não estivessem no quadro de uma mesma empresa, de um mesmo setor. Mas certamente exigir compreensão deste tipo de questão pode ser exigir demais de pessoas que galgam cargos obstinadamente, sempre aliçados nos preconceitos e nas "diferenciações".

Por isto reafirmo que eletricitários somos todos os que trabalham no setor elétrico, indistintamente, não importando a empresa e a região, e a unificação destes trabalhadores, a equalização de seus direitos e conquistas é bom para eles, para o setor, para as empresas. Daí a discutir juridicamente quem representa quem, a questão é outra. Uns querem se esconder na frieza das leis, outros querem transformá-las e torná-las mais justas e mais representativas da realidade. Mas nem todos entendem isso.

Antes de terminar, e já que falamos em leis, tenho que lamentar o apelo ao "direito de resposta" que Sedrez fez ao Linha Viva. Isso é questão para os editores responderem, mas não posso deixar de dizer que as bases do "pedido" estão na famigerada Lei de Imprensa, instituída pela ditadura militar, a mais digna representante do entulho autoritário. Fica até constrangedor pessoas que reivindicam para si a bandeira da democracia utilizarem "argumentos" como a referida Lei, que inclusive está para ser banida pelo Congresso Nacional.

Para concluir, quero dizer que sou economista e especializada na área de processamento de dados, mas antes disso sou eletricitária inclusive como Miguel Sedrez. Mas, apesar de eletricitários, não somos iguais, não temos idéias iguais. Aliás, pelos caminhos que a vida sindical tem me conduzido, eu e Sedrez geralmente nos encontramos muito, mas sempre em trincheiras opostas. Eu sempre ao lado dos eletricitários.

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas, e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.

Um desafio do cotidiano

LINHA
aberta

Luiz Césare Vieira Empregado da Celeso

Entre os dias 30 de abril e 1º de maio, quarenta militantes do movimento popular participaram de um seminário realizado no Instituto Cajamar em São Paulo, com objetivo de debater sobre o tema "ética e política - um desafio do cotidiano".

Frei Betto, Gilberto Carvalho, José Genoino Neto, Ignácio Hernandez e Marcos Arruda coordenaram o encontro, cujas contribuições foram com a edição de um livro pela Editora Vozes.

O seminário, como conta o livro, flui em torno de quatro eixos básicos, envolvendo diretamente conteúdos éticos, ou seja, violência, corrupção, sexualidade e a família.

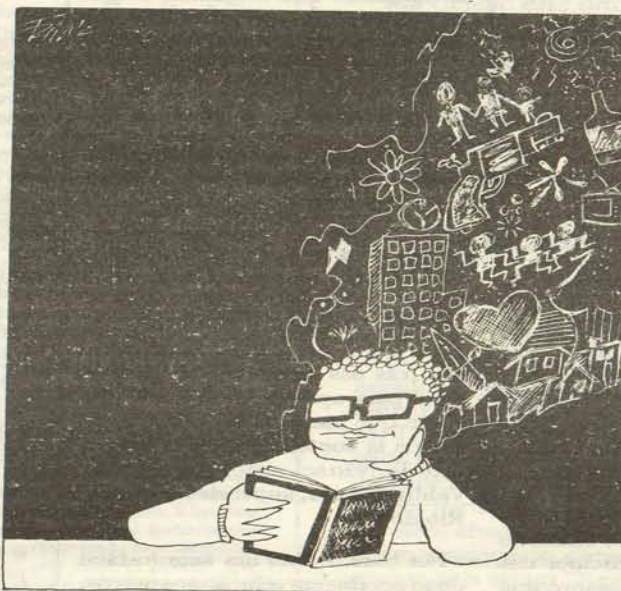
Estes temas, que enfocam a vida cotidiana, tradicionalmente se constituíram, em tabu para o movimento popular. Ficaram sempre na sombra das grandes questões teóricas e estratégicas como a ruptura revolucionária, a economia, os sistemas filosóficos, etc.... Tratar da vida cotidiana, das relações interpessoais, da família, da moral, do sexo e da ética, tudo isso era considerado "alienação pequeno burguesa". Era como se existisse uma ética e uma moral em suspensão para ser assimilada e vivida apenas após a revolução, no momento da atualização da utopia onde finalmente (e milagrosamente) os homens e as mulheres pudessem viver em toda plenitude.

Atualmente, e após a assimilação de toda a experiência histórica, o movimento popular compreendeu que uma sociedade democrática e socialista somente será possível com a transformação pessoal a nível prático/comportamental. Ou seja, partindo da premissa de que é na vida cotidiana que as pessoas se mostram por inteiro, com todos os aspectos de sua individualidade e personalidade. Onde aspectos agem todos os sentimentos, paixões, idéias, a moral e a ética.

Como não poderia ser diferente, os debates deixaram transparecer toda a precariedade e contradições humanas perante a vida, mas ao mesmo tempo, uma obstinada vontade de superação e de transcendência.

"Nenhum ser humano cabe em si mesmo. A inata vontade de transcender-se está diretamente relacionada à possibilidade de transgredir os limites subjetivos e objetivos que o cercam". Com esta frase o Frei Betto sintetizou uma condição humana que prevaleceu no seminário. E é justamente esta condição que revoga qualquer teoria atrelada ao fim da história. O ser humano jamais viverá o estado de perfeita harmonia entre si e a natureza, estará sempre procurando alternativas de existência. A possibilidade de optar por estas, e quaisquer outras alternativas na vida particular e coletiva é o que define o espaço da liberdade e, consequentemente, da moral. Somente existe ação moral quando houver possibilidade de escolha.

Ao valorizar a ética dos fins em detrimento dos meios, o socialismo originário do marxismo-leninismo forjou suas próprias



contradições. Em nome da utopia comunista que seria resultado do destino lógico da humanidade, todo tipo de violência foi praticado. Bastava discordar do pensamento oficial. O resultado de tal sociedade foi a negação do espaço da liberdade e da moral, portanto, a negação do próprio ser humano.

Realizando a autocrítica de uma militância passada impregnada de influência dos modelos ortodoxos, os participantes do seminário contribuíram para a constatação de uma sociedade socialista com novas bases ético-morais, e que durante tal processo o homem não seja abstraído, ou apenas

projetos previamente estabelecidos. Ao contrário, os meios devem ser coerentes com os fins. Desta forma as contradições entre o discurso proferido no espaço público e a vida cotidiana privada precisam ser superadas ou, no mínimo, amenizadas. Os debates transcritos no livro abordam algumas destas contradições.

O que dizer de um militante que critica a corrupção na sociedade mas encobre pequenas corrupções quando trata-se de seu partido, ou de seus companheiros? Ou que prega incansavelmente a democracia mas nas assembleias e congressos manipula em favor de suas posições? Ou que condena qualquer tipo de tortura, mas que admite este procedimento quando é do interesse maior de sua causa? Ou que simplesmente despreze a família em função de suas atividades políticas? Todas estas práticas, que na verdade reproduzem as relações utilitaristas da sociedade capitalista, tem como fundamento a inconsistência política e moral dos militantes.

A certa altura dos debates o Frei Betto faz a seguinte afirmação: "o critério da moralidade deve ser o avanço da luta popular". não é possível concordar com tal frase, pois significaria novamente o retorno à ética dos fins. Mesmo tratando-se da luta popular, não é possível atribuir legitimidade a quaisquer que sejam os meios. Até porque, como declarou José Genoino, "perceber o absurdo de uma ética de classe é um grande passo".

Existe sim uma ética universal. A ética dos grandes princípios humanos, da esperança contida nas lutas teórico/práticas que sucumbiram na história da solidariedade universal, da busca da felicidade, igualdade, autonomia e emancipação humana.

O mérito do livro, que merece ser lido, está no debate aberto e sincero de pessoas que já não detém a verdade da história, mas ao mesmo tempo negam a apatia do "deixar as coisas acontecerem normalmente", o que seria a abdicação da própria liberdade.



Debate cultural

Zezé Mota

Terça-feira, dia 15, no Auditório do Sinergia

Show de Zezé Mota

Dia 16, 21 horas no teatro do CIC

Ingressos antecipados a Cr\$ 4.000,00 no Sinergia

Promovem o debate: Departamentos de Cultura dos sindicatos dos Eletricitários Fpolis, bancários, Jornalistas, Previdenciários, Municipários e Trabalhadores em Educação.